

## DISCUTINDO SOBRE SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: EVIDÊNCIAS E ATRASOS PÓS PANDEMIA

Fabíola Mendes da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

A crise sanitária de 2020 do Corona Vírus deixou em evidência o atraso na educação do Brasil, em atenção ao estado de Alagoas o processo histórico qual vivenciamos mostra que infelizmente demorará para ser superado. O presente artigo busca discutir os impactos da covid 19 na educação, aqui desenvolvemos considerações sobre desdobramentos da educação pós pandemia, nisso relatamos discussões que trata da dificuldade do ensino remoto seja em escolas públicas ou privadas que acabou deixando em maior evidência a crise educacional. Buscamos também tecer algumas considerações sobre à educação e sociedade, da importância que tem a escola para a formação social do sujeito e suas controvérsias da educação para o capital. Além disso, discutimos sobre educação e saúde mental, da importância que tem a família e o próprio sujeito para a formação de si. Para o desenvolvimento desta pesquisa visamos a metodologia qualitativa das vivências e observações dos professores do ensino fundamental II que aqui buscam dialogar com alguns autores que trata da educação, formação do sujeito para a sociedade e para o trabalho, e que discutem saúde mental. Concluímos que, considerando a situação do Brasil, este parou por dois anos e deixou marcas de ansiedade, medo e déficit de aprendizagem nos corredores das escolas que acabou aumentando a deficiência na saúde mental escolar.

**Palavras-chave:** Educação, Sociedade, Saúde mental, Crise educacional

### INTRODUÇÃO

Tentamos aqui descrever os caminhos que se tem percorrido durante a pandemia e volta as aulas. É fato que o acontecimento do Corona Vírus, viralizou o mundo e a vida das pessoas; ficamos trancafiados em nossas casas com o pânico, aos poucos, nos consumindo como devorador da paciência e da esperança, preenchedor do vazio, da ansiedade e da depressão.

Pessoas vivenciaram muitas situações, mulheres e homens perderam seus empregos e as crianças tiveram que ficar em casa para não ser infectado e transmitir o vírus assolador dos sonhos. E a educação das crianças ficou fragmentada, em virtude do que foi lhe proposto, a

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.  
Fabiola.mendes18@hotmail.com;



junção da educação informal e a formal no ambiente familiar, pois com as escolas fechadas muitas ficaram sem estudar outras estudavam por meio de aplicativos via transmissão vídeo aula, mas sabemos que não é a mesma coisa.

Nós adultos sentimos a diferença de estudar online e estudar presencial. Claro, não vamos negar a preferências de pessoas que consideram a vídeo aula e estudar em casa muito melhor, mais prático, devido a facilidade de organização do tempo, adequando-o, mas, talvez, para as crianças e jovens isso poderia ser uma complicação em seu interesse pelos estudos.

Pensando nessa complicação de ensino, muitos pais mandam seus filhos à escola por não terem tempo e paciência para educá-los formalmente, sabemos que é obrigação deles fazerem isso, pois está em nossa constituição de 1988 o direito a educação escola e obrigação do Estado e da família, entretanto, ao mandar ir para escola queremos dizer que os pais não pensam como uma obrigação e direito, mas como alívio de ter um lugar que possa deixar suas crianças e até mesmo aproveitar o sossego do momento sem elas ou mesmo aproveitar para resolver algum problema que precise, com isso a escola tornou-se um local de abrigo, além de ser uma esperança e sonhos dos pais, não vamos nega isso.

Mas, no que tange a história do Brasil, notaremos que a educação escolar sempre se fez e faz presente para atender uma demanda, a do mercado. A escola sempre foi a base da educação para o mercado de trabalho, mas que tipo de educação nós seres humanos precisamos para o que a sociedade nos exige? Pois, como podemos perceber, o quanto vem mudando as formas de aprender e trabalhar, formas essas que vão nos exigindo conhecimentos.

Com isso, a preocupação das escolas vai de encontro ao que o sistema de ensino exige: ler e aprender a contar; escolas preparadas com professores ensinando português e matemática são o ideal para que suas crianças possam prosseguir em outras disciplinas. É nítido o porquê do atraso na educação do Brasil, pois para um país que se preocupa com a avaliação externa, quando somente contabilizam esses dois fatores, ler e contar como principais, deixa de lado muitos outros como o fator humano, cultural, as novas tecnologias, e formação de professores, quais são fundamentais para o desenvolvimento mais significativo da educação.

## **METODOLOGIA**

Neste artigo seguimos a pesquisa qualitativa de textos e análise de algumas considerações da atualidade brasileira referente a educação, observadas por professores desta pesquisa.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A covid-19, da família dos Corona Vírus descoberto em 1960, tem sua estrutura em formato de coroa; causa infecções respiratórias, além de outras doenças, como febre, cansaço, tosse, dores, congestão nasal, conjuntivite, diarreia, perda do olfato e paladar, erupções cutâneas ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. (Barreto, Amorim e Cunha, 2020, p. 793)

Conforme dito pelos autores Barreto, Amorim e Cunha (2020) e segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) os grupos de risco encontram-se pessoas idosos e jovens com a saúde comprometida, “como pressão alta, problemas cardíacos e de pulmões, diabetes, câncer e/ou neoplasias” (p. 794). Todavia, isso não quer dizer que essas pessoas não possam se curar, de acordo com os dados dos autores citados 80% conseguem se recuperar sem precisar de tratamento hospitalar.

Quanto a prevenção, recomenda-se o uso de máscaras para evitar que gotículas de saliva possa entrar em contato com o corpo, além disso, foram produzidas vacinas como a CoronaVac, Johnson e Johnson, Pfizer, AstraZeneca e Sputnik V desenvolvidas nos países Brasil, Rússia e Inglaterra. Quanto as substâncias Hidroxicloroquina e Ivermectina, a OMS, em 2020, suspendeu os testes realizados com essas, pois não houve eficácia do produto na prevenção e melhora dos pacientes (Barreto, Amorim e Cunha, 2020). É importante frisar que o mais recomendado pelos cientistas é evitar aglomeração, a distância de 1 a 2 metros de outras pessoas e a utilização de álcool gel. A pandemia fez com que o mundo parasse por um tempo, mas por justa causa.

O vírus que afetou o mundo desde 2019 causou muitos problemas em vários aspectos, como: Saúde – seja esta crise sanitária, com hospitais lotados, ou crise psicológica que levou pessoas a sofrerem de ansiedade e depressão; economia – desemprego; educação – escolas fechadas, crianças tendo que assistir aulas online.

Conforme a Lei de diretrizes e Bases da educação,, que respalda o ensino a distância, Lei nº 9394/96 em seu parágrafo 4º do art. 32, define que “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”

Porém, segundo Stevanin (2020, p11) sobre aprendizagem e desenvolvimento: “A pandemia não dificulta o ensino apenas pelos problemas de acesso à tecnologia digital por uma parcela dos estudantes — também o papel da escola como espaço de interação e desenvolvimento é afetado”.

Mas, foi preciso que escolas as adaptassem seus currículos de forma remota para atender a clientela, esta forma foi considerada a solução salvadora para o problema vigente educacional;

entretanto só as tecnologias não salvam, crianças tiveram que buscar mais incentivos para aprender e estudar, mas isso é algo tão difícil! Pois elas por serem crianças, não tem autonomia de gerir seus processos de ensino e aprendizagem. Com os pais em casa a educação poderia ser mediada de forma que pudessem organizar essa solução do problema, e esses responsáveis é quem passariam a cobrar mais de seus filhos e de si mesmo para ensiná-los.

O apoio das famílias e a mediação destas na educação foi e continua sendo mais que imprescindível para conseguir alcançar alguns objetivos da educação, entretanto fatores como pais analfabetos prejudicaram o desenvolvimento de atividades remotas. É complicado essa questão do Brasil, pois para um país tão rico e próspero há alto índice de desmotivados com os estudos. Além da analfabetização dos pais, tem outra questão, a da paciência com suas crianças. Falo isto, pois alguns pais já relataram que logo perdem a calma e o interesse em ensinar os filhos, devido que estes ficam a brincar, não prestam atenção no que os pais falam – o mesmo acontece com os professores todos os dias - e com falta de interesse no conteúdo.

Famílias carentes tiveram que enfrentar a falta de recursos como computador, internet em suas casas para poder continuar os estudos dos filhos, então como deram continuidade à educação escolar das crianças quando não podiam? A única resposta é: não tiveram como fazer isso durante os dois anos nos estudos das crianças - Isso nos mostra que “a exclusão digital é uma marca da desigualdade entre os estudantes brasileiros” (Stevanin, 2020, p13). Essas ficaram sem aprender a ler e a escrever, sem sistematizar o conhecimento e desenvolver novas habilidades de compreensão de si e do outro por motivos já mencionados, quais geraram em seu desenvolvimento.

Sobre desenvolvimento, considerando que este é um processo histórico-cultural, Pasqualini(2013, p 78) diz que: “A sequência e o conteúdo dos estágios do desenvolvimento não só se alteram, mas se produzem historicamente, com a mudança do lugar ocupado pela criança no sistema de relações sociais”. Ou seja, a criança, o sujeito precisa das relações e de convívio social para expandir suas funções psicológicas superiores e com isso aprender.

A desvantagem educacional entre as pessoas que podiam pagar e as que não podiam revela que: o número de crianças fora da escola e as que tinha algum reforço mostra que há uma discrepância de aprendizados entre elas. Se formos analisar a questão da educação e os privilégios de quem conseguiu estudar e se manter nos caminhos educacionais sistematizados, podemos inferir que as crianças de baixa renda mais uma vez ficam à mercê do Estado, cujo interesse desse é a centralização da manutenção de poderes econômicos das classes sociais.

O ensino remoto possibilitou a continuidade da educação, mas seu acesso limitado, pressionaram as instituições e professores a desenvolver um currículo conteudista, sem a



possibilidade de interagir na sala de aula regular, os assuntos dados tiveram um caráter tecnicista de conteúdos, que reduz significativamente a relevância dos temas educativos.

### **Educação e sociedade**

A educação é fundamental para nós seres humanos, seja ela formal e/ou informal sempre estará presente para a manutenção e ou processos de aculturação da própria cultura social, escolar e do trabalho. Não tem como fugir dela, pois, de acordo com Martins (2018), nós seres humanos estamos a todo o tempo aprendendo uns com os outros a sermos nós, gente que precisa socializar, viver e futuramente trabalhar. Isso nos diz que educação é ação do sujeito sobre o outro, e mesmo sem propósito definido ocorre a modificação comportamental deste.

Por isso, aprendemos com nossos pais, irmãos, outros membros da família, amigos, vizinhos e claro não deixaremos de mencionar a escola que é fundamental para a educação sistematizada de conhecimentos necessários para ser e viver em sociedade.

Pensando nesses conhecimentos necessários e sistematizados que a escola oferece, sabemos que, de acordo com Martins (2018, p.326) “cada momento histórico exigiu-se um modelo de educação. Mas que modelo de educação tem sido desenhado para atender ao pensamento neoliberal e conseqüentemente, que tipo de conhecimento a escola tem valorizado?”

O momento qual vivemos com a pandemia deixa claro que o Brasil está anos atrasado, apesar de seus avanços, em se tratando de educação e transmissão de conhecimentos formais; é claro que não é somente nosso país que vive uma crise de conhecimentos. Para além disso, é preciso considerar as mudanças sociais e o bem estar do sujeito para desenvolver atividades que vise o pleno desenvolvimento deste, como explicita nossa Constituição Federal de 1988.

A educação envolve socialização moral do sujeito (se refere as normas sociais de um lugar) e a instrução (cultura e memória de um lugar). Assim, educação está para além de só transmissão de conhecimentos, refere-se ao desenvolvimento cultura, social e emocional da sociedade, isso de forma indireta envolvendo as questões de trabalho, pois não envolve atividades direcionadas para determinada função do trabalho, mas sim de convívio, e a vida progressiva do sujeito.

Considera-se que a vida progressiva do sujeito refere-se a consciência da natureza humana, pois se trata de conjuntos essenciais de natureza filosófica, econômica e social que discutem avanços científicos e sociais, cujo interesse dá-se pela discussão do aperfeiçoamento das condições humanas.



Dito isto, a educação como sendo um bem para a natureza humana necessita ser discutida e compreendida em seus diversos meandros como: psicológico, formação social e do trabalho. Em se tratando do trabalho percebe-se que há uma maior incidência de educação escolar para atender as bases do mercado, do capital, entretanto, apesar de ser vital para natureza humana, o capital por ser um mercado seletivo, devido a sua forma de segregação e manipulação da força do trabalho, segue com preceitos de uma sociedade individualista e mantenedora de classes. Segundo Mészáros (2008).

Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. (p.27)

Ainda segundo Tonet (2013), em se tratando da crise do capital, quanto maior for a crise deste, pois poderá acontecer, se é que já não está acontecendo, maior será a necessidade do controle social e do processo educativo. Ou seja, apesar do capital encontrar meios de reverter as barreiras de sua crise, antes disso tem-se a oportunidade de desenvolver projetos de vida para a formação da cidadania, estes projetos é de capital importância seguindo objetivos distintos da burguesia e do proletário. Saviani (2000) com o texto sobre “teoria da curvatura da vara” nos apresenta a história da educação e as vezes que este precisou ser modificada para atender não só ao mercado, mas a um grupo de pessoas interessadas nas reformas educacionais.

Dos objetivos da educação da burguesia, considera a manutenção de educação qual como está, formadora de proletariados e pessoas preocupadas em bens materiais e venda da própria imagem como sendo a idealizadora do mercado midiático. Entretanto, é preciso buscar novos meios para enfrentar a crise do capital que possa controlar esse meandro social.

O projeto de vida do proletariado segue dada a importância não do dinheiro, mas do valor do seu trabalho e do valor da própria vida, ou seja, um projeto de luta social para a consciência da totalidade humana. Nisso, há a necessidade de reconfigurar os conteúdos escolares, dando importância ao patrimônio cognitivo, artístico e tecnológico.

Pensando nisso que a educação deve ser debate na esfera humana do sujeito social e de direitos. O capital tem por determinar nossas relações humanas e trabalhistas, é por meio do trabalho que aprendemos a dar valor a vida, assim deveria ser. Entretanto é necessário refletir sobre os caminhos da educação para se chegar à formação de sujeitos emancipados. Porque a



crise do capital gerará uma crise do sujeito, como aconteceu durante a pandemia e ainda está acontecendo no Brasil.

Para além disso, muito se esquece de discutir aspectos relacionados ao bem-estar das crianças, jovens e dos próprios professores que estão nas escolas, esse bem-estar envolve rotinas de cobrança e depressão do sujeito por não conseguir acompanhar disciplinas e o pânico gerado com expectativas do futuro, sendo que este foi tomado pela angústia da depressiva pandemia causando mais ansiedade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para se pensar em uma educação para saúde mental é preciso considerar aspectos relevantes da atual conjuntura das dificuldades presentes na educação brasileira, que estão relacionados com as dificuldades que crianças e jovens vêm sentindo na aprendizagem. Consideramos que aprendizagem “é o nome que se dá à própria modificação da maneira como o organismo responde ao ambiente” (GOULART et al. p.40).

Durante a pandemia de 2019 e depois desta, qual percebe-se um Brasil mais atrasado e com mais crianças com dificuldade de leitura, escrita e em seu aspecto socioemocional. Consideramos discutir a importância que tem de trabalhar, desde cedo, as aprendizagens socioemocionais (ASE), devido que são reforços de habilidades que auxiliam às pessoas a lidar consigo mesma, a relacionar com outras e em tarefas diversas do cotidiano.

Com a pandemia, como já discutido antes, foi preciso a modificação do currículo das escolas para se adequarem ao contexto #fiqueemcasa. Não estamos fazendo uma crítica a isso, só queremos enfatizar que a escola pública e as famílias carentes não estava e ainda não estão preparadas para isso. De acordo com Stevanin:

Diante da impossibilidade de retorno às aulas presenciais, as propostas de ensino remoto ganharam força — primeiro entre as instituições particulares e depois mesmo para as públicas. O resultado, porém, tem sido prejudicial, na sua avaliação, para a saúde física e mental dos estudantes, de suas famílias e dos educadores, que tiveram que se adaptar a uma atividade para a qual não foram capacitados. (2020, p12)

Esse desvio de comportamento inesperado, da necessidade de readaptar o ensino, só mostra a dificuldade dos agentes da educação em desenvolver atividades remotas que pudessem auxiliar na educação dos estudantes. Mas não vamos desconsiderar que tal momento também é



visto como de superação e por parte dos professores e da própria família que não se deixou desmotivar com a aprendizagem de suas crianças e jovens e fizeram algo por elas.

O “novo normal” qual presenciamos nos obriga a discutir sobre a importância das aprendizagens socioemocionais para poder auxiliar crianças e jovens em seu processo de ensino e aprendizagem. Segundo Tecla et al, as competências dessa aprendizagem referem-se a pensamentos, sentimentos e comportamentos que são agrupadas em cinco aspectos centrais:

**Autoconhecimento:** diz respeito ao reconhecimento das próprias emoções, valores, autoeficácia e limitações;

**Consciência social:** ligada ao cuidado e à capacidade de perceber a emoção do outro e aceitar sentimentos diferentes dos seus; apreciar a diversidade e respeitar o próximo.

**Tomadas de decisão responsável:** conseguir identificar verdadeiros problemas, analisar e refletir sobre a situação; ter habilidade de resolução de problemas por meio de atitudes baseadas em preceitos éticos, morais e com fins construtivos.

**Habilidade de relacionamento:** baseada na formação de parcerias positivas, pautadas pelo compromisso, pela cooperação, pela comunicação efetiva e pela flexibilidade na negociação de acordos, possibilitando que a pessoa lide satisfatoriamente com conflitos que possam surgir; saber solicitar e prover ajuda.

**Autocontrole:** relacionado à capacidade de autogerenciamento de comportamentos e emoções a fim de atingir uma meta. Orienta a motivação interna e, consequentemente, a disciplina e a persistência ante desafios. Nesse sentido, pode utilizar-se de ferramentas como a organização, o humor e a criatividade. Tecla et al (2014, p.49).

Tais aspectos mencionados também se relaciona com o desenvolvimento das atividades escolares com o apoio da família que contribui com o processo de formação do sujeito social. Segundo Paulo Freire (1996), o professor deve ter acuidade em seu processo de ensino como, conhecer a identidade cultural do educando, saber que este tem sua bagagem de conhecimento, ou seja, que o professor não é detentor de conhecimento, mas nesse processo há o compartilhamento de informações que contribuem com a aprendizagem de ambos, discentes e docentes.

Nisso, consideramos que para a saúde mental nas escolas é preciso desenvolver ações que promova o comportamento ativo dos sujeitos, e que ambos tenham disposição de atuar para o bem maior da sua própria formação. Mas como fazer isso, se é tão difícil fazer com que os estudantes se identifiquem na escola? Para esse caminho citamos Luckesi (2011), pois o mesmo defende que a avaliação da aprendizagem, seguindo a autoavaliação pode ser um caminho de compreender a si e o outro, bem como de valorização as ações. Para o auto:

A avaliação da aprendizagem, nessa perspectiva, é um recurso pedagógico disponível ao educador para que auxilie o educando na busca de sua auto construção e de seu modo de estar na vida mediante aprendizagem bem-sucedidas. (LUCKESI 2011, s/p).



É importante considerar o papel que tem a família na formação da escola e dos filhos na construção dessa avaliação, pois como sendo a família importante na construção do PPP (Projeto Político Pedagógico) documento significativo para ações da instituição e do que propõe para a formação e bem-estar do cidadão. É ela que também, junto com os professores, contribui nas ações e motivações na escola.

Há tempos se fala em saúde mental e políticas sociais que possa contribuir com a formação e controle do próprio corpo do sujeito. A doença mental envolve vários aspectos do desenvolvimento do sujeito, citamos apenas três delas como a adolescência e questões socioculturais próprias do capitalismo, trabalho, e os meios interativos de comunicação como as redes sociais que acaba favorecendo a formação de uma mente doentia.

Em se tratando da mídia, os meios de comunicação e informação estão contribuindo para a formação de uma sociedade doentia, ansiosa e desesperada por atenção e “likes”. Mészáros citando Adam Smith (2008, p 29) diz que:

Essas são as desvantagens de um espírito comercial. As mentes dos homens ficam limitadas, tornam-se incapazes de se elevar. A educação é desprezada, ou no mínimo negligenciada, e o espírito heroico é quase totalmente extinto. Corrigir esses defeitos deveria ser assunto digno de uma séria atenção.

Nisso, compreende-se que o capitalismo, como dito antes, consegue se reinventar. Segundo Mészáros (2008): “Vivemos sob condições de uma desumanizante alienação e de uma subversão fetichista do real estado de coisas dentro da consciência”. (p. 59).

E a escola como sendo uma agência que promove o cidadão para a sociedade e para o trabalho faz-se pensar no comportamento do educando quanto a sua necessidade de auto-controle, como já mencionado antes; de acordo com Zanotto;

É esta instituição agência que tem condições de produzir a variação necessária à sobrevivência da cultura preparando, formal e sistematicamente, indivíduos aptos a construir uma cultura com maiores chances de sobrevivência e a lidar de modo eficiente com o controle exercido pelas demais agências. (p36)

Fazendo uma relação do que aqui foi exposto com o que os professores desta pesquisa presenciaram e presenciam na escola, a educação e a formação do professor precisa ser repensada para atuar conforme as necessidades para a efetiva saúde mental nas escolas tanto de rede pública, quanto privada.

Em uma determinada escola da rede pública de Maceió-AL, o que nota-se é falta de estrutura da escola de promover um ensino com tudo o que o professor precisa, falta materiais didáticos, diálogo entre escola e família.



Não podemos desconsiderar as reuniões dos profissionais da educação, o HTPC, que são importantes para desencadear ideias que contribua com o processo de educação e ajude a escola a cumprir seus objetivos. Mas é preciso para além das reuniões por em prática ideias boas que são observadas pelos professores. O processo pedagógico é o envolvimento de todos os participantes para a construção do que se pretende fazer e onde chegar, é importante dar visibilidade a todos da escola e saber ouvir o companheiro de trabalho para essa construção.

Depois da pandemia, jovens e adolescentes, ao voltarem para escola tiveram crises de ansiedade coletiva, qual contribuiu com o repensar das ações pedagógicas dos professores, entretanto um projeto político pedagógico qual poderia ser crucial para as ações desses profissionais, e ajudar os estudantes em seu desenvolvimento escolar, pelo que percebido o tentar estava presente nas atividades dos profissionais da educação e para além disso, é preciso refletir e repensar as ações e tentar modifica-las quando for necessário.

Na escola, verifica-se a situação de estudantes que ao menos o próprio nome não sabem escrever, o analfabetismo chama a atenção nas classes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, isso faz pensar que esses estudantes não conseguem acompanhar a turma, os estudos, e isso reflete no comportamento com o outro e consigo, que pode seguir dois caminhos: o primeiro ao da depressão, afastamento da turma e vontade de ficar só; o segundo ao comportamento agressivo, intimidador e de bagunceiro da classe.

Professores tiveram que se reinventar e buscar somente em si forças para superar suas práticas pedagógicas em sala de aula, entretanto, não queremos aqui dizer que muitas vezes eles pensaram sozinhos, mas agiu conforme a necessidade, porque na sala dos professores era onde eles encontravam reforço e conselho dos companheiros de profissão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante desse “novo normal” qual estamos vivenciando, nas escolas encontramos crianças no Ensino Fundamental II sem estarem alfabetizadas, crianças com déficit de aprendizagem, falta de empatia e respeito; crianças dos sextos e sétimos anos estão com a mentalidade de crianças do quarto ano do Ensino Fundamental I (EF.I), isso é complicado quando pensamos o que esses professores do EF. II estão enfrentando, tendo que lidar com a falta do básico dessas crianças, que é ler e escrever, saber interpretar uma pequena história, dar seu ponto de vista, além da falta de materiais adequados para trabalhar com essas.

A relação construída na escola com os professores e pares é tão importante para seu desenvolvimento que o que aconteceu só deixou um déficit comportamental necessário do qual

há reclamações nos corredores das escolas e no quesito aprendizagem de conteúdos. Sabemos que a educação do Brasil tem suas precariedades, os problemas que os professores de algumas escolas da rede pública enfrentavam antes da pandemia persiste hoje, mas a questão é que houve um aumento sistemático de analfabetismo e de ansiedade em nossas escolas.

Há muitos casos de crianças desmotivadas porque não sabem ler, escrever, contar; crianças que ao invés de assumir seus problemas e conversar com os professores, preferem ser o terror da sala, bagunça, torna-se “a onda” que leva outras crianças para o mesmo comportamento negativo que transforma a sala de aula em lugar de barulho e desrespeito para com os professores e os próprios colegas de turma. Ou mesmo há outro extremo, o da bagunça, como já citado antes, e o da timidez que leva as crianças a se isolarem de todos e das atividades diárias. Como foram dois anos sem a interação da sala de aula, foram dois anos afastadas da estimulação da leitura e escrita, dois anos afastadas da interação social e convívio das regras escolares, dois anos de falta de ordem para o progresso do desenvolvimento e emancipação do sujeito.

Considerar que a escola não consegue sozinha produzir crianças saudáveis para atuar na sociedade, com sua saúde mental intocável, é considerar que ela não tem o poder de por si fazer milagres, os professores já estão sobrecarregados da demanda de ensino e trabalho, e as crianças precisam de uma atenção e aproximação dos pais para que possam juntos desenvolver a educação formal e informal para a saúde mental das crianças e jovens de nossas escolas.

Com isso, postulamos aqui uma observação à escola, das necessidades dessa de atrair a família para que possam considerar as emoções de seus filhos e possa juntos desenvolver uma educação para a saúde mental dessas crianças que não estão preparadas para algo horrendo que foi resolução que pandemia gerou na sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Jurenice da Silva; AMORIM, Marília Rafaela Oliveira Melo; CUNHA, Célio da. A pandemia da covid-19 e os impactos na educação. Revista JRG de Estudos Acadêmicos Ano III (2020), volume III, n.7 (jul./dez.). Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/150/246>
- BERTÃO, Ana; TIMÓTEL, Isabel. Educação social transformadora e transformativa: clarificação de sentidos. *sensos* | volume 2, nº 1 2012.



BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

GOULART, Paulo Roney Kilpp. Et al. Aprendizagem. In: HUBNER, Maria Martha Costa; Moreira, Marcio Borges (coord.). *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 20-41, 2018.

TONET, Ivo. *Educação contra o capital.* 3. Ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem do ato pedagógico.* 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Ernesto Candeias. *A Pedagogia social/ Educação social nos meandros da comunidade e da escola.* Educareducere. Ano XV – nº 1 - II Série – 2013

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital.* Tradução: Isa Tavares. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PASQUALINI, J.C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: Marsiglia, Ana C.G. (org). **Infância e pedagogia histórico-crítica.** Campinas. SP: autores associados, 2013. p. 71-79.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia.* 33 ed. Campinas: Autores Associados, 2000. SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.* 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

STEVANIM, Luiz Felipe. Desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. RADIS n.215, Ago 2020, p10-14.

Zanotto, M. L. B. (2004). "Subsídios da Análise do Comportamento para a formação de professores". In: Hubner, M. M. C.; Marinotti, M. (orgs.). *Análise do Comportamento para a Educação: Contribuições recentes.* Santo André, ESETec.